

Representações Sociais da pandemia e suas implicações para o processo de escolarização de estudantes de Ensino Médio

Social Representations of the pandemic and their implications for the schooling process of High School students

Representaciones Sociales de la pandemia y sus implicaciones para el proceso escolar de los estudiantes de Secundaria

Laeda Bezerra Machado¹



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2024v16n38pe15827>

Resumo: Este artigo tem como objetivo identificar as representações sociais de estudantes de ensino médio acerca da pandemia e suas implicações para o processo de escolarização ensino médio. Adotamos a abordagem original das representações sociais. Utilizando a entrevista semiestruturada e a indução por metáforas, desenvolvemos um estudo de campo com 34 estudantes matriculados em escolas de ensino médio de Recife-PE. Os resultados revelaram representações sociais marcadas por mudanças, adaptação, tristeza e atraso na educação. Ansiedade, tristeza, saudades da escola, das relações com a família e amigos foram os sentimentos compartilhados pelos estudantes. A análise simbólica, por meio de metáforas, convalidou os depoimentos. Caracterizados como animais, vegetais ou coisas, os estudantes representam a pandemia com um período de ociosidade, estagnação e clausura. Confirmamos o valor da escola como espaço de convivência social e aprendizagem para os adolescentes e jovens, bem como os prejuízos do isolamento social, decorrentes da pandemia, para formação dos estudantes.

Palavras-chave: Pandemia. Representações Sociais. Estudantes.

¹ Universidade Federal de Pernambuco. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6311786387582869>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9524-0319>. Contato: laeda01@gmail.com

Abstract: This article aims to identify the social representations of high school students regarding the pandemic and its implications for the high school education process. We adopted the original approach of social representations. Using semi-structured interviews and metaphor induction, we developed a field study with 34 students enrolled in high schools in Recife-PE. The results revealed social representations marked by changes, adaptation, sadness and delay in education. Anxiety, sadness, missing school, relationships with family and friends were the feelings shared by the students. The symbolic analysis, through metaphors, validated the statements. Characterized as animals, plants or things, the students represent the pandemic with a period of idleness, stagnation and confinement. We confirm the value of the school as a space for social coexistence and learning for adolescents and young people, as well as the damage caused by social isolation, resulting from the pandemic, for student training.

Keywords: Pandemic. Social Representations. Students.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo identificar las representaciones sociales de los estudiantes de secundaria sobre la pandemia y sus implicaciones para el proceso educativo de secundaria, adoptando el enfoque original de las representaciones sociales. Utilizando entrevistas semiestructuradas e inducción de metáforas, desarrollamos un estudio de campo con 34 estudiantes matriculados en escuelas secundarias de Recife-PE. Los resultados revelaron representaciones sociales marcadas por cambios, adaptación, tristeza y retraso en la educación. Ansiedad, tristeza, ausencia escolar, relaciones con familiares y amigos fueron los sentimientos compartidos por los estudiantes. El análisis simbólico, a través de metáforas, validó los enunciados. Caracterizados como animales, plantas o cosas, los estudiantes representan la pandemia con un período de ociosidad, estancamiento y encierro. Constatamos el valor de la escuela como espacio de convivencia social y aprendizaje de adolescentes y jóvenes, así como los perjuicios que provoca el aislamiento social, producto de la pandemia, para la formación de los estudiantes.

Palabras clave: Pandemia. Representaciones Sociales Estudiantes.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte de uma investigação mais ampla² e tem como objetivo identificar as representações sociais de estudantes de ensino médio acerca da pandemia e suas implicações.

Sem igual na história a pandemia de COVID-19³ que afetou a todos os países no ano de 2020 implicou na urgente necessidade de distanciamento social, as escolas foram levadas a fechar suas portas. A fim de minimizar os impactos do isolamento, medidas excepcionais como a adoção do ensino remoto foram adotadas e, apesar da educação a distância já existir a muito tempo, nunca se teve antes a necessidade de uma substituição completa do ensino presencial pelo sistema remoto.

Nesse novo contexto, docentes e estudantes foram convocados a realizarem seu trabalho em espaço virtual, adaptando suas atividades, desenvolvendo habilidades para lidar com novas ferramentas e metodologias para responder a essa situação inusitada.

² Olhares psicossociais sobre a prática pedagógica na escola de ensino médio Processo CNPq nº 309687/2020-9

³ Declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 de março de 2020. Disponível em <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>, acesso em 20 de out. 2020.



A pandemia, suas implicações em diferentes aspectos, no âmbito da literatura, tem sido amplamente abordada. No âmbito da educação são destacadas as desigualdades sociais e econômicas expostas por essa crise sanitária, desgastes emocionais de estudantes; agravamento da precarização do trabalho dos professores, não garantia efetiva do direito à educação etc.

Conforme Santos (2020) as formas de viver e se relacionar mudam ao longo do tempo nas sociedades, no entanto a pandemia impôs modos que até então pareciam impossíveis em nossos tempos pós-modernos. No campo da educação a adoção, em caráter emergencial, do ensino remoto, deu visibilidade à desigualdade social em toda sua extensão tornando excluídos aqueles que não tivessem acesso à rede mundial de computadores e demais tecnologias de comunicação.

A respeito dessas desigualdades e referindo-se à educação básica, Pugliesi (2021) salienta a triste realidade brasileira. Segundo o autor, essas discrepâncias se intensificaram no contexto da pandemia, uma vez que as classes populares, já excluídas, nesse contexto de novas exigências, tiveram o direito à educação ameaçado.

Na mesma direção de Pugliesi (2021), Niz e Tezani (2021), em pesquisa sobre as lições da pandemia, indicam que essa crise explicitou as desigualdades em diversas áreas, principalmente na educacional. As autoras destacam que os impactos são diversos e imensuráveis, uma vez que o ensino remoto emergencial alcançou apenas uma parcela dos alunos devido ao uso das tecnologias digitais não serem acessíveis a todos.

A pandemia da COVID-19, de acordo com Santana e Sales (2020), evidenciou as fragilidades da educação expôs a necessidade de transformação dos modos de ensinar e aprender no século XXI. Os autores acrescentam que, no contexto pandêmico, predominaram práticas tradicionais de transmissão de conteúdos.

Sobre o comportamento dos estudantes durante a fase inicial da pandemia, o Conselho Nacional de Juventude (CONJUVE), no primeiro semestre de 2020, constatou que essa crise sanitária “afetou diferentes aspectos da vida dos jovens em geral, como a qualidade do sono, a disponibilidade de recursos financeiros, os relacionamentos em casa e, principalmente, a saúde mental” (CONJUVE, 2020 p. 69). Na mesma direção, Vasquez et al (2021) mostraram que o tempo de exposição às telas, a inversão do sono, o ensino remoto e os casos de Covid-19 em casa, provocaram depressão e ansiedade durante a primeira onda da Covid-19 na região metropolitana de São Paulo.

Neri e Osório (2021), em pesquisa quantitativa sobre a pandemia, indicam que se agravaram as desigualdades de educação no Brasil durante a crise. Revelam que os



alunos mais pobres e os mais novos foram os mais prejudicados na escola durante o isolamento social.

Ao analisar o processo de democratização do acesso à internet e os seus impactos na educação durante a pandemia, Macedo (2021) reitera o quanto essa crise foi dramática para todo o setor educacional e, citando Anísio Teixeira (1956, p. 18), adverte: não podemos aceitar “o dualismo pacífico entre os ‘favorecidos’ ou ‘privilegiados’”. Mas, ao contrário, é preciso lutar por uma educação comum e acessível a todos, mesmo em tempos de crise.

As considerações desses autores acerca do problema aqui apresentado associadas ao nosso contato com alunos recém-saídos do ensino médio remoto nas escolas nos encaminharam para investigar a escola de ensino médio em tempos de pandemia. Nos limites deste artigo buscamos identificar as representações sociais de estudantes de ensino médio acerca da pandemia e suas implicações para o processo de escolarização nesse nível de ensino.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Representações sociais são construções coletivas dos sujeitos impregnadas de elementos cognitivos, afetivos e simbólicos gerados em situação de interação social. A partir do estudo sobre a psicanálise, S. Moscovici, nos anos 1960, desenvolveu a Teoria das Representações Sociais (TRS).

As representações sociais não são criação de um indivíduo isolado, pois, em geral, são elaboradas por grupos ou movimentos de opinião, que se irradiam para a cultura mais ampla. Moscovici (2003) afirma que as representações sociais são sempre articuladas à comunicação. No entanto, a comunicação, por si só, não produz as representações sociais. A necessidade do ser humano de se manter informado e de estar “conectado” com seu grupo leva-o a captar/perceber acontecimentos e elaborar conceitos, que contribuem para a construção das representações sociais. Jovchelovitch (2008) considera as representações como estruturas de mediação entre os sujeitos e a realidade, portanto, é uma ação comunicativa, que liga um sujeito a outros sujeitos e ao mundo.

Para Jodelet (2001, p.22), as representações sociais são “[...] uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” Admitimos que elas são fenômenos sempre ativados e em (re)construção na vida social. São construções dinâmicas, fluídas a partir de condicionantes históricos e sociais, que



modificam os próprios sujeitos e o mundo que os circunda. A TRS ganhou repercussão nos anos 1980, ampliou-se e hoje são identificadas no seu interior três abordagens de estudos: a abordagem culturalista, de viés antropológico, fiel ao estudo original de Moscovici; a abordagem societal, que se preocupa em investigar as condições de produção, influência dos grupos sociais na construção e circulação das representações sociais; e a abordagem estrutural, que investiga a dimensão cognitiva e estrutural de uma representação.

Para a pesquisa que deu origem a este artigo adotamos a vertente original, que conceitua representações sociais como explicações que se originam no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais, constituem uma versão contemporânea do senso comum, um saber prático elaborado e partilhado pelos sujeitos no grupo social, que orienta a sua interpretação do mundo. Criamos representações sociais na tentativa de explicar a realidade, pois somos convocados a nos posicionar, tomar parte nas conversas etc. Tratam-se de teorias do senso comum, pois não são meras opiniões sobre os objetos, eventos e situações. Segundo Jodelet (2001), as representações sociais são um conhecimento prático que tem como objetivo transformar o estranho em familiar e essa familiarização se faz mediante dois processos: objetivação e ancoragem. Esses processos se baseiam na memória, em informações e conhecimentos acumulados.

Para Moscovici (2012, p. 100) “[...] a objetivação permite tornar real um esquema conceitual e substituir uma imagem por sua contrapartida material, resultado que tem primeiramente um alcance cognitivo [...]”. É por meio do processo de objetivação que noções e conceitos abstratos de uma realidade se concretizam, tornando uma nova informação real e natural para um grupo. É a busca do sujeito por conhecer e se apropriar do novo, é tornar concreto o objeto da representação. Por meio da objetivação transformamos algo abstrato em concreto. Nesse processo os conceitos e as ideias tornam-se esquemas ou imagens concretas, o novo conhecimento torna-se algo palpável, quase tangível (Machado, 2013).

A ancoragem tenta reduzir ideias estranhas a categorias comuns colocando-as em um contexto familiar, ou seja, trazendo o que estava distante para mais próximo de nós. No processo de ancoragem submetemos o estranho ao nosso sistema de categorias e o encaixamos em uma categoria que consideramos apropriada. Para realizar esse encaixe, o objeto ou ideia é comparado ao paradigma de uma categoria, adquirindo suas características. Nesse processo, o objeto ou ideia é reajustado ao sistema de categorias pré-existentes. Com a ancoragem o que antes era estranho ou novo ao sujeito, passa a



lhe ser comum, familiar. Em síntese, a novidade precisa ser domesticada e incorporada, sob a pressão de valores do grupo, ao pensamento já construído (Moscovici, 2012).

Os processos de objetivação e ancoragem são dinâmicos e estão inter-relacionados, por esta razão dizemos que as representações sociais operam continuamente um conjunto de relações e práticas de modo dinâmico.

A relação entre práticas e representações sociais é uma discussão antiga e complexa nesse campo. Nos estudos da abordagem estrutural (Flament, 2001; Campos, 2005; Abric, 2001; Wolter e Sá, 2013) fica evidenciado que, dependendo do contexto social e das interações grupais, tanto as representações podem orientar práticas ou comportamentos, quanto as práticas podem provocar mudança da representação.

De acordo com Abric (2001) alguns fatores estabelecem as relações entre representações e práticas: a) fatores culturais ligados à história e à memória coletiva do grupo, visto que as representações se inscrevem em um processo temporal e histórico; b) fatores ligados ao sistema de normas e de valores c) fatores ligados à atividade do sujeito: existem processos de construção ou de reapropriação do real, que fazem da representação uma ação sobre essa realidade.

É possível dizer que na obra de Jodelet (2015), clássico estudo vinculado à abordagem culturalista das representações, as relações entre representações e práticas sociais são enfatizadas, mostrando que não é possível dissociar a representação, o discurso e a prática. Jodelet (2015) revela que algumas práticas trazem à tona aspectos da representação que não são verbalizados e indica a necessidade de todo estudo de representação social considerar os discursos e os atos.

Segundo Campos (2005), uma representação social é uma norma grupal, pois ela define (normatiza) o que é próprio para um grupo e não para outro. O autor acrescenta que as representações sociais produzem normas de conduta e regulam os comportamentos prescrevendo possibilidades de ação. Afirma: “os comportamentos frequentes ou comuns, os comportamentos pouco frequentes ou pouco prováveis, porém aceitáveis ou justificáveis e aqueles que são considerados inaceitáveis, não condizentes com o objeto social representado” (Campos, 2005, p. 88).

Reiteramos que um processo de construção das representações sociais é desencadeado, quando um objeto estranho chama a atenção e provoca certo desequilíbrio no sujeito, que deseja compreendê-lo, nomeá-lo e explicá-lo. O conteúdo estranho desloca-se para o interior de um conteúdo corrente, arraigado e, aquilo que era novo e estava fora do alcance do sujeito, penetra no seu interior, o que efetiva a criação de representações sociais.



Tendo em vista o caráter *sui generis* da Teoria das Representações Sociais para o estudo de objetos estranhos e perturbadores admitimos sua relevância para se investigar os sentidos atribuídos por estudantes de escolas públicas de ensino médio à pandemia e suas implicações.

3 METODOLOGIA

Para concretização do objetivo proposto desenvolveremos um estudo de natureza qualitativa. Segundo Minayo (1999), a abordagem qualitativa examina o ser humano como um todo, de forma contextualizada. Esta abordagem trata de modo detalhado as experiências humanas, viabilizando o estudo de crenças, emoções, saberes e comportamentos. Do seu enfoque decorre sua apropriação aos estudos em representações sociais.

Realizamos um estudo de campo em escolas de ensino médio, localizadas em Recife-PE. Os participantes foram 34 alunos matriculados em escolas de ensino médio. Eles foram selecionados considerando-se o tipo de escola em que estudam, ou seja, escolas de referência (EREM), regulares (ER) e técnicas (ETE) de nível médio. Os estudantes estavam matriculados em turmas de segundo e terceiro ano.

A técnica de coleta de dados utilizada foi a entrevista semiestruturada. Esse tipo de entrevista facilita a interação com o sujeito, permite esclarecimentos e adaptações. Consideramos que nas conversas são veiculados valores que ajudam na captura de representações sociais (Moscovici, 2003).

Como recurso complementar à entrevista, aplicamos a “indução de metáforas.” A indução por metáforas tem por finalidade fazer com que o respondente desloque o discurso formal da entrevista para o campo informal e coloquial de sua fala. Para Lakoff e Johnson (2002, p. 45) “a metáfora é um recurso da imaginação, um adorno para o discurso, e que está inserida não só na linguagem cotidiana das pessoas como também na ação e nos pensamentos”. Ela permite que, por meio da linguagem cotidiana, possamos melhor compreender sentidos compartilhados por grupos.

Trata-se de uma técnica utilizada por pesquisadores em representações sociais, como Mazzotti (1998) e Andrade (2007). Assim, para aplicá-la, ao final da entrevista, fazíamos as seguintes perguntas aos sujeitos: “*se, por exemplo, você como aluno durante a pandemia, fosse uma coisa, um animal, um vegetal, um mineral o que seria? Por quê?*”

A técnica faz com que os sujeitos falem de modo menos racionalizado sobre o que se investiga.

Para organizar os depoimentos, utilizamos a análise de conteúdo Bardin (2007). Fizemos uso da análise categorial temática. Classificamos o corpus em unidades de registro que visam explicitar os sentidos das mensagens.

Apresentamos, nesta seção, indicativos de representações sociais dos estudantes acerca da pandemia e suas implicações para o processo de escolarização. Organizamos os depoimentos em três categorias: Sentidos compartilhados em torno da pandemia; Recordações marcantes de um tempo difícil; e Metáforas que definem os estudantes durante a pandemia.

4.1 Sentidos compartilhados em torno da pandemia

Nos depoimentos o Impacto e o despreparo dos estudantes para lidar com a situação são marcantes. Os significados compartilhados sobre a pandemia foram os seguintes: *momento de dificuldade e tristeza; período de mudança e readaptação; atraso na educação e isolamento social.*

Para uma parcela dos entrevistados a pandemia foi marcada por dificuldades, medo e tristeza. Dizem em seus depoimentos: “[...] foi um momento difícil, acho que não só na minha vida, mas na de todo mundo” (E-5 / EREM); “[...] um período assustador, meio difícil também. Difícil e assustador” (E-34 / ETE); “[...] foi um momento muito triste também porque eu perdi uma tia né? Então acho que só isso mesmo.” (E-32/ ETE).

Os estudantes que mais se referiram à tristeza foram os que passaram por experiências pessoais delicadas como o adoecimento ou morte de amigos ou familiares. Outra parte do grupo pesquisado comenta que a pandemia significou um momento de mudança, reflexão e readaptação. Sobre esses aspectos relatam: “[...] foi tipo o ano, o ano de mudança de você se adaptar [...] a me adaptar a um novo que... que eu não consegui.” (E-31/ETE); “[...] um momento assim da gente pensar em nossas atitudes entre outras coisas [...] mudasse de atitude” (E-16/ EREM).

Para alguns dos entrevistados colocam que a pandemia implicou em impactos negativos para os estudos e educação. Afirmam: “pra mim é... essa pandemia atrapalhou bastante a gente aluno” (E-19/ ETE); “foi um atraso nos meus estudos e perdi muito assunto que era pra ter visto.” (E11 - EREM); “[...] atrasou no caso a vida de muita gente,



inclusive a minha [...] a gente praticamente perdeu quase dois anos, então, foi tudo péssimo (E25/ER).

A pandemia e suas consequências para o atraso na educação estão presentes no discurso dos alunos dos três tipos de escolas pesquisadas, ou seja, gerou impacto negativo na aprendizagem dos diferentes grupos de discentes. Tal resultado confirma o que afirmam Santana e Sales (2020) que explicitaram as fragilidades da educação nesse período e suas consequências.

Nos depoimentos a maioria dos participantes salienta o isolamento social o afastamento das pessoas, a falta de convivência. Eles destacam: “[...] querendo ou não eu me afastei de muitos amigos, eu não saía muito ...” (E-1 / EREM); “[...] a gente era acostumado a conviver e passou a viver de um jeito totalmente diferente, afastado das pessoas [...]” (E-2/EREM); “[...] foi ruim, foi porque ficou mais preso em casa, preso em casa” (E17/ EREM); “[...] senti tipo, uma pessoa muito presa assim. Não pode sair mais de casa.” (E-21 - ETE).

Constatamos que são os estudantes matriculados em escolas de referência e técnicas, que funcionam em tempo integral, os que mais relatam o sentimento de aprisionamento resultante da pandemia.

Os resultados do material organizado nessa categoria indica que prevaleceram no grupo pesquisado indícios representacionais da pandemia como um período de aprisionamento. Alguns elementos dessas representações sociais podem ser indicados como mudanças e adaptação à novidade ruim, tristeza e atraso na educação.

4.2 Recordações marcantes de um tempo difícil

Nesta categoria os estudantes retomam a apreensão devido ao isolamento social e suas consequências como: ansiedade; saudade das relações com a família e amigos e implicações negativas do afastamento da escola. Referiam-se ainda ao contágio da doença, as mortes e perdas que vivenciaram no período mais agudo da pandemia, além da impossibilidade de trabalhar e obter renda.

Um grupo de entrevistados, ao recordar o período pandêmico, fala do desconforto do isolamento social. Comentam: “[...] ficar preso dentro de casa, sem sair, eu acho que essa foi a que mais me abalou.” (E-21 /ETE) “[...]ficar em quatro paredes o tempo todo acho que deixou é.. a gente mais ansioso” (E-7-EREM); “eu só faltei enlouquecer dentro de casa [...]” (E-33 - ETE).

Alguns dos participantes reiteram a falta de convivência com parentes e amigos e as dificuldades para suportar essas ausências. Eles afirmam: “[...] ficar sem ver os parentes, não poder vim ver as avó, minhas avós [...] ficou meio estranho.” (E-8 /EREM); “não poder conversar com ninguém, presencialmente só pelo celular e internet, só isso [...]”(E-15 /EREM); “[...]eu tive que parar de sair e tal. acho, isso acho que afetou, eu fiquei mais recluso em casa.” (E-31 /ETE). Outros entrevistados destacam as implicações da pandemia para os estudos quando dizem: “acho que foi a dificuldade no ensino [...] abalou muito” (E-33 /ETE); “[...] atrapalhou muitos estudantes que queria estudar”;(E-14 /EREM); “[...] era muito difícil focar assim é algo muito novo” (E-30 /ETE); “[...] eu não conseguia criar um rotina de estudo que eu conseguisse acompanhar (E-6 /EREM).

O que mais abalou alguns estudantes nesse período foram as situações de contágio e as mortes. Afirmam: “[...] o tanto de gente que foi afetada, acho... Isso me abalou muito.” (E-12 /EREM); “[...] o que mais me abalou foi o alto número de pessoas contaminadas e mortas [...] inclusive eu também perdi alguns amigos e parentes.” (E-16 /EREM); “[...] ver o pessoal morrendo, ver o pessoal chorando por aí.” (E-23 /ER).

Fica perceptível nos depoimentos o sentimento de aflição frente a possibilidade de contaminação pelo vírus e o medo da morte, quando dizem: “[...] eu fiquei com medo e tipo muita gente morrendo e se acontecer comigo também? Fiquei com medo também, de morrer.” (E-8 /EREM); “[...] ficava assustado, porque eu vi muita gente [...] muitas pessoas morrendo, muitos casos de [...] e eu ficava com medo de alguém da minha família pegar e tal e minha mãe, que fumava aí muito medo mesmo.” (E-9 /EREM); “ansiedade, porque eu tinha muito medo de eu mesmo pegar e minha própria família.” (E-28 /ETE). Segundo esses jovens, o que mais os abalou durante o período foram: o contato direto com casos de Covid-19, contágio e óbito de pessoas próximas. Relatam: “[...] eu também perdi alguns amigos e parentes por conta dela. (E-16/ EREM); “a perda da minha tia. Ela morreu no início da pandemia e abalou a família.” (E-25 /ER); “[...] ver minha mãe doente e ficar longe dela, que ela era enfermeira, e perder dois parentes nesse período.” (E-27- ER); “[...] o luto. Eu perdi um-uma pessoa muito querida da família” (E-5 /EREM).

Dois participantes falam sobre dificuldades de trabalho no período pandêmico. Afirmam: “[...] o povo não conseguia trabalhar com medo e isso atrapalhou” (E-14 /EREM);“muitos familiares meus dependiam do trabalho pra sobreviver e não podiam trabalhar, pois são autônomas e não poderiam sair pra fazer o trabalho” (E-18 /EREM).

Os depoimentos organizados nesta categoria confirmam que, nas representações sociais dos estudantes, ganharam centralidade a apreensão relacionada às consequências psicológicas do isolamento social, como ausência de relações sociais



(família e amigos), além de atraso nos estudos, medo do contágio e da morte, perdas vivenciadas e dificuldades para se manter no trabalho e garantir uma renda.

4.3 Metáforas que definem os estudantes durante a pandemia

As respostas ao questionamento “se você, como aluno/a durante a pandemia, fosse uma coisa, um animal, um vegetal ou um mineral?” foram variadas. Organizamos o conjunto das justificativas para as respostas do grupo pesquisado nos seguintes tópicos: sentimento de ócio, sensação de força; desejo de entender ou fugir da realidade pandêmica; vontade de ajudar ao próximo e mudança/adaptação à nova realidade.

O sentimento de ociosidade gerado pela pandemia aparece nas metáforas nas quais os estudantes se revelam como: bicho preguiça, planta, cão, lesma, urso, gato e o burro. A sensação estarem desocupados foi comum nesses depoimentos com destaque para o uso dos termos parado, preguiçoso, dormindo etc. Algumas das falas destacam esse sentimento: “[...] eu seria uma preguiça, é, porque eu só fazia é, tipo comer, ficar deitado e tal, não fazia quase nada direito sabe... (E9/EREM); “seria um animal preguiça, um bicho preguiça... Porque eu tava morrendo de preguiça na pandemia, só ficava dentro de casa, num queria fazer nada.’ (E24/ ER); “uma planta, porque a planta só fica lá parada.” (E8/EREM); “[...] acho que um cão, porque muitas das vezes eu tava dormindo” (E2/EREM) “[...] é o urso geralmente é o urso que hiberna [...] todo mundo teve que ficar em casa e o urso, ele hiberna quando tá inverno e não tem como sair [...]” (E18/EREM).

De modo semelhante às metáforas dos participantes desta pesquisa, um estudo desenvolvido por Coutinho et. al (2020) acerca das representações sociais de universitários a respeito do ensino durante a pandemia, revelou que para esse grupo o ensino remoto durante a pandemia foi um período de solidão tristeza e tédio.

Como implicação da ociosidade e clausura, os estudantes ressaltam dificuldades para compreender os conteúdos trabalhados no ensino remoto. Sobre essas dificuldades afirmam: “[...] eu acho que eu seria uma lesma que vai andando bem lentamente nos assuntos [...] bem devagar” (E6/EREM); “eu seria um burro porque eu num fiz muita coisa não durante a pandemia não, não assistia muita aula não, aí eu perdi muito conteúdo” (E23/ER). Assim como demonstram os depoimentos, Santos et al (2022), também revelam que foram inúmeras as repercussões educacionais, prejuízos físicos e mentais provocados pelo isolamento social imposto pela pandemia.



Em respostas de outra parcela de participantes, foi evidenciado o sentimento de força gerado pelo período de pandemia. Nessas respostas os estudantes são associados aos animais: lobo, tigre e leão. Segundo eles, no período pandêmico foram fortes e resistiram aos obstáculos. Comentam: “[...] seria um... Lobo, uma Loba. [...]eu passei por muita coisa e... Eu consegui vencer isso tudo (E15/EREM); “ eu seria tigre, garra! Tinha que ter muita garra, teve que ter, *muita força, determinação pra* aguentar tudo.” (E12/EREM) “[...] vou me considerar um leão, porque o leão é corajoso, forte [...]eu não desisti, né? Cheguei até aqui graças a Deus’ (E33/ETE).

Outro grupo de discentes manifestou em suas respostas vontade de entender ou fugir da realidade do período pandêmico que gerou tristeza e aprisionamento. Esses sujeitos se compararam a aves (passarinho e águia) mosca, água e caderno. Esses estudantes falam sobre o desejo de estarem livres daquele daquela situação de clausura. : “eu seria uma ave. [...] pra ficar voando por aí tal, ser livre, porque durante a pandemia quase ninguém pode sair de casa, já os pássaros e tal, foram pra todos os cantos” (E19/ETE); “ eu seria um passarinho, porque eu poderia sair, poderia sei lá, voar por aí... é isso” (E27/ER); “queria ser qualquer objeto que não fosse vivo naquele tempo (risos) Pronto! um caderno, pra não viver isso de novo, que foi horrível.” (E25/ER).

Essas metáforas podem ser relacionadas ao estudo desenvolvido por Loyola et al (2001). Para esses autores a pandemia potencializou dificuldades já vivenciadas pelas pessoas. A sobrevivência substituiu o prazer de viver e o cansaço, estresse e ansiedade favoreceram o sofrimento psíquico de grande número de pessoas.

Os participantes, também, manifestam em suas falas o interesse e curiosidade para entender o que estava acontecendo na sociedade, sobre o vírus e entre as pessoas. Sobre esse interesse afirmam: “[...] uma mosca mesmo pra eu saber como tava a situação de outras pessoas [...] principalmente dos meus amigos durante a pandemia.” (E28/ ETE); “[...] eu queria ser alguma coisa que desse pra ver o que se passava [...] queria ser o vento pra saber como o vírus se propagava” (E7/EREM).

Outros depoimentos sugerem o interesse de ajudar as pessoas a superarem dificuldades impostas pela pandemia. Esse grupo se enxerga como celular, lobo, árvore e água. Afirmam: “eu seria mais a água, ser calmo que nem a água [...] pra poder acalmar alguém porque foi tanto surto que eu vi na pandemia [...]” (E11/EREM); “ eu seria uma árvore. [...] pra distribuir oxigênio pro mundo, que eu sou uma pessoa que eu gosto muito de ajudar os outros por nada.” (E26/ER); “ seria o lobo, porque o lobo quando ele procura sair tanto caçar quanto pra sobreviver [...] ele gosta de deixar o conjunto ali unido com ele né [...] Tipo eu comparo isso, porque na pandemia né, eu com um grupo de amigos a



gente se juntou bastante, tipo, a gente sempre até hoje a gente se ajuda, tanto em atividades, provas e teste ” (E16/EREM); “[...] Celular porque ajudei algumas pessoas a tentar estudar, sabe?” (E34/ETE).

O que depreendemos das metáforas (animais, vegetais e coisas) foi que os participantes compartilham representações sociais da pandemia com um período difícil marcado por ociosidade, estagnação e clausura. Outros elementos povoam essas representações sociais tristeza, dificuldades de aprendizagem, adaptação às mudanças, necessidade de compreender o que acontecia, enfrentamento do desafio e interesse em ajudar os outros.

Sobre os déficits de aprendizagem decorrentes da pandemia Santos et al. (2020) reiteram seus prejuízos para o processo de escolarização. Conforme os autores, em virtude do longo período sem aulas, da dificuldade de acesso a recursos tecnológicos, e por residirem em ambientes não favoráveis para a modalidade de ensino à distância, esses limites implicam déficits de aprendizagem e contribuem para acentuar dificuldades já existentes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme anunciamos, procuramos com este artigo identificar as representações sociais de estudantes de ensino médio acerca da pandemia e suas implicações para o processo de escolarização nesse nível de ensino.

Entendemos representações sociais como normas grupais que definem o que é o que não é próprio para os grupos. No que diz respeito à pandemia os estudantes compartilham representações sociais marcadas por elementos como mudanças, adaptação à novidade ruim, tristeza e atraso na educação.

O trabalho de pesquisa que realizamos reitera os aspectos afetivos das representações, pois os estudantes expressam variados sentimentos em relação à pandemia e suas implicações. Ansiedade, tristeza, saudades da escola, das relações com a família e amigos foram os mais evidenciados nos depoimentos.

A análise simbólica, por meio de metáforas, convalidou os depoimentos. Caracterizados como animais, vegetais ou coisas, os estudantes compartilham representações sociais da pandemia com um período de ociosidade, estagnação e clausura. Além disso, sinalizaram a pandemia como um período de dificuldades de aprendizagem e tentativas de superação. A pesquisa confirma o valor da escola como



espaço de convivência social e aprendizagem para os adolescentes e jovens, bem como os prejuízos do isolamento social decorrente da pandemia para formação dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ABRIC, J.C. O estudo experimental das representações sociais. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001. p. 155-172

ANDRADE, D. B. da S. F. **Se a escola pudesse ser outra coisa, que coisa ela seria?** In: V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais, Brasília. Anais eletrônicos... Brasília, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo, SP: Edições 70, 2007.

CAMPOS, P.H.F. As Representações Sociais Como Forma de Resistência ao Conhecimento Científico. In: SÁ. C. P; OLIVEIRA, D; CAMPOS, P.H.F. (Orgs.). **Representações Sociais e Práticas**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora do Museu Histórico do Rio de Janeiro, 2005, v. 1, p. 85-98.

COUTINHO, M. P. L. et. al. Quarentena e aulas remotas representações sociais de universitários da saúde. **Revista Diálogos em Saúde**. Volume 3 - Número 1 - jan/jun de 2020

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE (CONJUVE). Pesquisa Juventudes e a Pandemia de Coronavírus [Relatório]. 2020 Jun [Disponível em: https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9-031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618_41b201dba_b994b44b00aabca41f971bb.pdf Acesso em 20 .04. 2022.

FLAMENT, C. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, D (Org). **As representações sociais**. Tradução: Lilian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 173-186

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas: Mercado das Letras.2002

JODELET, D. **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ. 2001

JODELET, D. **Loucura e representações sociais**, 2ª. ed. Petrópolis: Vozes. 2015

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representações, comunidades e culturas**. Tradução de Pedrinho Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOYOLA, C.M.D et al. Desafios da pandemia na relação da saúde mental com o meio ambiente. **Rev Bras Enferm**. 2021;74(Sup. 3) <https://doi.org/10.1590/0034-7167.202174Suppl301 e74Suppl30>

MACEDO, R. M. Direito ou privilégio? Desigualdades digitais, pandemia e os desafios de uma escola pública. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol 34, nº 73, p.262-280, Maio-Agosto 2021



MAZZOTTI, T. B. Investigando os núcleos figurativos como metáforas. I Jornada Internacional sobre Representações Sociais. In: V Jornada Internacional e III Conferência Brasileira sobre Representações Sociais. **Anais eletrônicos**, Natal-RN, 1998 p. 1-12.

MACHADO, L. B. **Incursões e investigações em representações sociais e educação**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: investigações em Psicologia Social**. Tradução: Pedro Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, S. **A psicanálise sua imagem e seu público**. Petrópolis: Vozes. 9ª ed., 2012.

NERI, M; OSÓRIO, M.C. Evasão escolar e jornada remota na pandemia. **Revista NECAT** Ano 10, nº 19, Jan-Jun/2021

NIZ, C. A. F; TEZANI, T. C. R. Educação escolar durante a pandemia: quais lições aprenderemos? **Olhar de professor**, Ponta Grossa, v. 24, p. 1-9, e- 16068.035, 2021. Disponível em <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/16068/209209214209>. Acesso em 20.06.2023

PUGLIESI, E. J. Desigualdades educacionais e pandemia: a necessidade de uma pedagogia revolucionária. **Revista Brasileira de Educação Básica**, ano 6, Número Especial. Setembro 2021

SANTOS, B de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Edições Almedina, abr. 2020
SANTOS, B. M dos et. al. Enfrentamento à pandemia da COVID-19 por acadêmicos de uma universidade pública na Bahia: um relato de experiência. **Práticas e Cuidado: Revista de Saúde Coletiva**, Salvador, v.1, n.e10592, p.1-16, 2020.

SANTOS J.M. S et al. Repercussões da pandemia da Covid-19 para adolescentes em vulnerabilidade social. **REVISIA**. 11(2): 182-6. 2022 Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v11.n2.p182a186>

SANTANA, C. L; SALES, K. M. B. Aula em casa: educação, tecnologias digitais e pandemia COVID-19. **Interfaces Científicas**. Aracaju, V.10, N.1, p. 75 - 92 (Número Temático) 2020

TEIXEIRA, A. A escola pública, universal e gratuita. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 26, n. 64, 1956, p. 3-22.

VAZQUEZ, D. A; CAETANO, S.SCHLEGEL, R; LOURENÇO, E. N. A; SLEMIAN, A;SANCHEZ, Z. M. Schoolless life and the mental health of public school students during the Covid-19 pandemic. In **SciELO Preprints**. 2021 <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2329>

WOLTER, R. P. & SÁ, C. P. (2013). As relações entre representações e práticas: o caminho esquecido. **Revista Internacional de Ciencias Sociales y Humanidades**. XXXIII(1 e 2), 87-105.

